**Introdução**

Este trabalho centra-se em um problema específico presente no pensamento de Agostinho de Hipona, o problema do mal. Para tratar com mais profundidade este tema, analisa-se uma obra em especial, *O Livre-arbítrio,* assim a partir dela, outros escritos de Agostinho serão também analisados, na medida em que mantêm relação com a temática aqui discutida.

O pensamento de Santo Agostinho sobre o assunto a origem do mal, introduz o conceito de livre arbítrio, que constitui a sua grande contribuição para a Filosofia. Agostinho define o que vem a ser o mal, seus conceitos e origens, relações com a lei eterna e temporal. No decorrer do trabalho trataremos, mas detalhadamente sobre esse assunto.

Agostinho pretende conciliar a bondade Deus, com a existência dos males que existe no mundo, com o mal que reina em nossas vidas por consequência da nossa vontade, do mau uso da nossa liberdade, e prova, com argumentos racionais, que Deus não é o autor do mal. E quem seria o autor do mal? Bom, esse vai ser um dos tópicos que será abordado nesse trabalho.

Assim, pode-se definir neste trabalho como objetivo geral: analisar o pensamento Agostiniano na perspectiva de abordagem sobre o mal na vida humana. Os objetivos específicos são: discutir o problema do mal a partir dos textos de Agostinho, bem como de outros autores que ajudam a complementar os questionamentos e repostas desse assunto; discutir os problemas do maniqueísmo, que se encontram expostos dentro dos estudos já formulados da filosofia de Agostinho.

A metodologia se concentra na leitura e discussão dos textos de Agostinho e outros autores que discutam a temática. No primeiro tópico, encontra-se a trajetória da vida de Agostinho. No segundo tópico a doutrina do maniqueísmo, em relação com o mal. Já no terceiro tópico busca-se compreender a origem do mal no pensamento de Agostinho. Quarto tópico aborda o tema sobre o livre-arbítrio, as escolhas do ser humano sobre o dom que Deus lhe concedeu. No ultimo tópico, buscaremos soluções para o problema do mal.

1. **Sobre Santo Agostinho**

Em Tagaste, província romana da Numídia, na África romanizada, hoje Argélia, que fica no norte da África. No dia 13 de Novembro de 354, nasce Aurelius Augustinus, Santo Agostinho, filho de mãe cristã e pai pagão.

Com de 19 anos de idade, Agostinho em meio aos seus estudos, travou conhecimento com a obra *Hortensius* de Cícero. Nesse livro, Cícero desgostado e desiludido da política, volta-se para a filosofia, onde procura a felicidade. Cícero afirma nessa obra que pela elevação intelectual, o homem aproxima-se de Deus.

Deixadas para trás suas esperanças no maniqueísmo1, Agostinho filia-se ao ceticismo da Nova Academia ou Neoacadêmicos, onde tem uma rápida passagem. Na obra *Contra Acadêmicos*, escrita logo após sua conversão, onde Agostinho combatia estas doutrinas céticas. Refutações estas que aparecem em várias de suas futuras obras, até o fim de sua vida.

Quando Agostinho completa seus 30 anos de idade, logo decide ir para a cidade de Milão, cidade que respirava uma atmosfera de Neoplatonismo e Catolicismo e que tinha como bispo Ambrósio, que pronunciava sermões eruditos de teores neoplatônicos. As pregações de Ambrósio contribuíram em muito, para Agostinho aproximar-se da igreja católica, abrandando seu ceticismo e acabando com suas dúvidas maniquéias.

Com o bispo Ambrósio, Agostinho aprendeu que Deus não forma uma substância material ou corporal, mas uma substância espiritual. E que na leitura das Sagradas Escrituras, para melhor compreendê-la, não era preciso interpretá-la no sentido literal, mas sim, separar a letra e o espírito.

Com o passar do tempo, Santo Agostinho se converte ao cristianismo, passados 13 anos buscando a verdade, desde o seu primeiro contato com o *Hortensius*, de Cícero, aos 19 anos de idade, até os seus 32 anos, data em que Agostinho adere integralmente ao cristianismo. Além dos estudos bíblicos, Agostinho dedicava parte do seu tempo aos estudos filosóficos. Ele também se envolveu no mundo do direito e desenvolveu vários conceitos relacionados à matéria, como a justiça, lei temporal, e outros, caracterizando uma teoria do direito.

Agostinho escreveu e produziu muito, foram vários assuntos e temas espalhados em vasta obra. Entre tantas podemos citar, além do *Livre-Arbítrio* e *As Confissões*, onde Agostinho fala de si mesmo, *A Cidade de Deus*, que é um surpreendente livro que consegue ser ao mesmo tempo, uma filosofia da história, uma teoria do Estado e da vida social, uma exposição das relações entre o espiritual e o temporal.

**2. A doutrina Maniqueísta do mal**

Umas das questões de notória relevância no pensamento de Agostinho seria o problema do mal. Mesmo antes de sua conversão, ele se intrigava com o fato do homem pecar. Procurando razões para isso, Agostinho encontrou primeiro no maniqueísmo. O maniqueísmo era uma seita fundada por Mani e que reunia elementos do zoroastrismo e do Cristianismo, oferecia uma via racional de acesso à vontade e uma metafísica de cunho fortemente materialista, de cujas ideias Agostinho compartilhou por nove anos de sua vida. (COSTA, 2009).

Em uma de suas obras*, A Natureza do bem,* Agostinho refuta nas teses maniqueístas, mas precisamente na da natureza humana que seria constituída de dois princípios: o Bem e o Mal, ou ainda a Luz e as trevas. Assim tudo era explicado pela oposição entre princípios, desde a criação do mundo, do homem, a moral e até o juízo final. E o bem sempre passivo era invadido pelo mal que lhe antepunha.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

1 O maniqueísmo surgiu no século III, na Pérsia, tendo sido fundado por Mani (216-276). Os estudiosos consideram-no um sincretismo religioso, pois Mani desenvolveu essa religião juntando elementos do Zoroastrismo, do hinduísmo, do budismo, do judaísmo e do cristianismo. Logo essa nova religião se espalhou por grande parte do mundo conhecido, do norte da África até a China, recebendo um grande numero de adeptos.

(...) Com efeito, eles sustentam que algumas almas, formadas da mesma substância de Deus, e que não tinham pecado livremente, mas foram vencidas e subjugadas pela raça das trevas, que eles chamam natureza do mal, contra a qual elas desceram para combater, não voluntariamente, mas por mandado de seu pai, sustentam, digo, que essas almas são eternamente atormentadas na horrível esfera das trevas. (...) (AGOSTINHO, 2005, p. 42).

Dai se seguem dois princípios: “Bem e Mal” esses princípios existem ontologicamente, e sendo o homem a junção natural do Bem e do mal, decorre que ele é naturalmente bom e mal, Isso no maniqueísmo. Falando de outra forma a concepção ontológica e cosmológica maniqueia, que não confere a Deus o estatuto de ser supremo, criador de todas as coisas e acima do qual não existiria nada, conforme professa o cristianismo.

Na compreensão maniqueia a constituição do homem era não obstante, com isso concebe-o destituído de liberdade, uma vez que todas as suas ações nada mais são do que o resultado de uma inclinação natural, sendo para o bem e para o mal. E se não há liberdade, não há responsabilidade moral.

As explicações acerca de Deus, o homem, o mal e a vontade são demasiados. Dando-se conta do errôneo conceito de Deus difundido pelo maniqueísmo, escreve Agostinho em suas *Confissões*:

(...) Ignorava que Deus é espírito e não tem membros dotados de comprimento e de largura, nem é matéria porque a matéria é menor na sua parte do que no seu todo. Ainda que a matéria fosse infinita, seria menor em alguma das suas partes, limitada por certo espaço, do que na sua infinitude! Nem se concentra toda inteira em qualquer parte, como o espírito, como Deus. (...) (AGOSTINHO, 1997, P. 88).

Percebe-se, então, que um ponto fundamental da doutrina maniquéia é a forma como enfrenta as questões morais ou como procura resolver o problema do mal no homem. Agostinho pensava ter encontrado uma resposta para este problema, pois acreditou com intensidade que não era livre, mas que sua liberdade podia identificar-se com uma parte de si mesmo, que era sua alma boa. A outra parte, que era a matéria, ontologicamente má, contaminava a parte boa ao praticar o mal.

Nesse período, Agostinho pensava que estava determinado a fazer o mal. Segundo a doutrina dos maniqueus, há no homem uma alma, um eu original, que é ontologicamente bom. Porém, na fusão com o corpo, envenena-se, passando a ser uma alma má, um eu demoníaco. Desse modo, o pecado é considerado conatural à alma em situação carnal. O mal, para o jovem Agostinho, é algo natural, e não algo moral.

Desiludido com a doutrina maniquéia, Agostinho continua em busca de respostas para esta inquietante questão. Antes que possa escrever com maior profundidade sobre o problema do mal, Agostinho entrará em contato com a doutrina neoplatônica.

**3. A origem do mal no pensamento agostiniano**

A origem do mal para Agostinho está no livre-arbítrio, esse é que torna a mente humana escrava das paixões. Poderia pensar então, que Deus seria o culpado pelo mal praticado pelo homem? Claro que não, o homem não faz o mal pelo mal, seria como um ladrão que furta ou alguém que busca vingança, de certo modo este não está procurando o mal. Ele faz achando que aquilo poderia ser um bem para si, assim ele poderia culpar a Deus se o mal estivesse na essência do livre-arbítrio, o que não é mal está na vontade desregrada, manipuladas pelas paixões.

(...) Em consequência dessa doutrina, não basta admitir que os maniqueus errassem ao considerar o mal como um ser, visto que é uma pura ausência de ser; é preciso ir mais longe e dizer que sendo nada por definição, o mal sequer pode ser concebido fora de um bem. Para que haja um mal, é necessário que haja privação. Ora, enquanto tal, essa coisa é boa e somente enquanto privada ou má. (...) (GILSON, 2001, p. 273).

O nada anterior á criação não seria um mal, seria apenas a privação a corrupção do que é isto, é da natureza, assim como se diz que o “imperfeito” é simplesmente o que não é “perfeito” o que somente pode referir em relação a este. Tudo que foi criado pelo criador, todas as coisas, e especialmente a natureza humana, permanecem boas, ainda que corrompidas.

O mal seria privação ou defecção do bem, das perfeições constitutivas de toda e qualquer natureza, é a ausência do ser. Em oposição à dualidade maniqueia, Agostinho instaura o bem como o único principio existente, Deus e o mal como sua simples negação. O mal na concepção Agostiniana, não tem existência ontológica, não era um principio de força antagonicamente equiparada ao bem, como pensavam os maniqueus.

(...) O mal não é senão a corrupção ou do modo, ou da espécie, ou da ordem naturais. A natureza má é, portanto, a que está corrompida, porque a que não está corrompida é boa. Porém, ainda quando corrompida, a natureza, não deixa de ser boa; quando corrompida, é má. (...) (AGOSTINHO, 2006, cap. 4)

**4. O Livre-arbítrio**

Na obra o *livre-arbítrio,* Agostinho junto com seu interlocutor Ervódio, tenta resolver a questão a respeito do mal, ele passa uma grande parte de sua vida tentando superar a contradição entre a existência de Deus e a do mal. Deus nos dá a prerrogativa de livremente amá-lo, de obedecê-lo, seguir sua ordenação, necessariamente boas.

(...) Deus é o Bem Supremo, acima do qual não há outro: é o bem imutável e, portanto, verdadeiramente eterno e verdadeiramente imortal. Todos os outros bens provêm d’Ele, mas não são da mesma natureza que Ele. [...] qualquer que seja o seu grau na escala das coisas, não pode proceder senão de Deus. (...) (AGOSTINHO, 1995, p. 3).

Agostinho defende a questão que, Deus criou tudo que há de bom, Deus sendo bondoso, generoso, sendo o sumo bem não poderia ter criado o mal, nem ensinado. Deus criou todas as coisas boas e belas, o homem por sua liberdade decidiu pela não “pratica” do bem, ou seja, Deus só cria coisas boas, é o homem que nega essa bondade, e assim realiza o mal.

(...) Ev. De onde hão de vir, então, as más ações praticadas pelos homens, se elas não são aprendidas? Ag. Talvez, porque as pessoas se desinteressam e se afastam do verdadeiro ensino, isto é, dos meios de instrução. (...) (AGOSTINHO, 1995, p. 26).

Agora será o homem, esse é que cria raízes de todo mal, do pecado, o homem sabe que existe o bem, que Deus nos deu o livre-arbítrio, só que ele não usa para fazer o bem. A ideia de pecado existe através da nossa liberdade, junto com a vontade.

(...) Ag. Portanto, penso que agora já vês: depende de nossa vontade gozarmos ou sermos privados de tão grande e verdadeiro bem. Com efeito, haveria alguma coisa que depende mais da nossa vontade do que a própria vontade? Ora quem quer que seja que tenha essa boa vontade, possui certamente um tesouro bem mais preferível que reinos da terra e todos os prazeres do corpo. (...) (AGOSTINHO, 1995, p. 56)

A boa vontade seria vivermos com retidão e honestidade para alcançarmos a sabedoria, sabedoria essa que seria a lei eterna. Sendo assim a fonte de todo mal estaria no homem, na sua vontade, seria através dessa vontade que levaria o homem a pecar, dentro da sua liberdade, não adiantaria nada ele ter vontade, mas não ter liberdade.

**4.1 Quem é o autor do mal? Seria Deus?**

Não existe um único autor do mal, mas sim todos que praticam uma má ação. O uso da pratica do mal, depende do livre-arbítrio de cada um de nos.

(...) Evódio. Peço-te que me digas, será Deus o autor do mal?

Agostinho. Dir-te-ei, se antes me explicares a que mal te referes. Pois, habitualmente, tomamos o termo "mal" em dois sentidos: um ao dizer que alguém praticou o mal; outro, ao dizer que sofreu algum mal. Eu. Quero saber a respeito de um e de outro. Ag. Pois bem, se sabes ou acreditas que Deus é bom—e não nos. É permitido pensar de outro modo Deus não pode praticar o mal.(...) (AGOSTINHO, 1995, p. 25).

No primeiro livro, do “*livre-arbítrio*”, ele reconhece Deus como o criador, assim o mal era pensado como privação, ou como pecado. Assim está no livre-arbítrio do homem a possibilidade de escolha do mal, mas ele não é em si mesmo a causa do mal. “Deus é bom e assombroso e incomparavelmente preferível a tudo isto”. (AGOSTINHO, 1997, p. 177).

Deus sendo sumo bem, não poderia ser o autor do mal, no livre-arbítrio humano é onde encontramos esses “autores” onde esse não vai aparecer como ser, mas como não ser ou até mesmo nada, ausência, falta, defecção do bem. Deus só cria aquilo que é correto, aquilo que é justiça, se eu não faço isso, estou negando o bem, me afastando do amor, negando Deus, com tudo estou pecando e a parti dai serei um dos autores do mal.

(...) Ag. Certamente, pois o mal não poderia ser cometido sem ter algum autor. Mas caso me perguntes quem seja o autor, não o poderia dizer. Com efeito, não existe um só e único autor. Pois cada pessoa ao cometê-lo é o autor de sua má ação. (...) (AGOSTINHO, 1995, p. 26).

Agostinho no seu diálogo com Evórdio, explica de forma bem clara, bem detalhada está questão. E Deus seria a completa personificação do bem, com isso não poderia ter criado o mal. Deus em sua perfeição quis criar um ser onde pudesse ser autônomo e assim escolheu o bem de forma voluntaria o homem, esse seria o único ser que possuía as faculdades da vontade, da liberdade e do conhecimento. É por está forma que ele é capaz de entender os sentidos existentes em si mesmo e na natureza.

**4.2 Mas se Deus não é o autor do mal, e as doenças físicas, o sofrimento, a morte, de onde vem?**

Pois bem, ao ler Agostinho entendemos que a pratica do mal, ou a ideia de não fazer o bem é do homem, trair, fazer algo errado pecar, isso seria do próprio livre-arbítrio do homem.

(...) O pecado é, segundo Agostinho, uma transgressão da lei divina, na medida em que a alma foi criada por Deus para reger o corpo, e o homem, fazendo mau uso do livre-arbítrio, inverte essa relação, subordinando a alma ao corpo e caindo na concupiscência e na ignorância.(...) (AGOSTINHO, 1997, p.20).

Isso seria, mas uma das consequências da vontade humana, da liberdade que o homem tem em usar o livre-arbítrio. Deus poderia ter nos criados sem esses dois dons, “vontade e liberdade”, só que este nos concedeu o direto de usarmos como acharmos melhor, tudo isso porque são coisas boas, então dotado de livre-arbítrio, o homem faz o mal uso do que era para ser usado para o bem.

Assim o livre-arbítrio humano, seria a única causa do mal, do sofrimento, seria tudo aquilo que “sobraria” quando não existe mais a presença do bem, quando o homem decide praticar o mau uso do que Deus lhe concedeu. O homem com essas atitudes acaba se afastando do bem de Deus.

(...) A vontade seria essencialmente criadora e livre, e nela tem raízes a possibilidade de o homem afastar-se de Deus. Tal afastamento significa, porém, distanciar-se do mal.(...) (AGOSTINHO, 1997, P. 20).

Dessa forma o homem acaba agindo imoralmente, contra a vontade de seu criador, assim acontece que a partir do momento em que o homem comete o mal ele está subordinado ás paixões que são decorrentes da própria vontade.

**4.3 O problema do mal em três níveis:**

Agostinho defende que o mal pode ser ontológico, físico ou moral. O primeiro se refere à finitude e a contingência humana, assim como a imperfeição e a falta de ordenação em tudo que existe. Chama-se metafísico-ontológico, por ser o cumprimento do mal em si, ou seja, o verdadeiro mal. O mal físico seria a dor, a morte, as doenças o sofrimento, tanto dos animais como especialmente do homem. Por fim temos o mal moral que se coloca e m conexão com a liberdade e com a responsabilidade do homem. Seria através do mal moral que aparece a maldade, como atributo humano e divino, em contrapartida aparece à consciência do pecado, da culpa, o anseio da justiça e o perdão.

(...) O mal moral, portanto é, “aversio a Deo” e “conversio ad creaturam”. O fato de se ter recebido de Deus uma vontade livre é para nós, grande bem. O mal é o mau uso desse grande bem. (...) (AGOSTINHO, 1995, p. 16).

Consideramos que, se as ações dos homens, são reveladas através de suas vontades, então caberia responsabilizar o mal moral pelas suas ações . O homem escolhe livremente suas decisões, e é por ser livre que é capaz de fazer o mal. Com tudo, pergunta-se: Deus, sendo perfeito, porque ele nos deu o livre-arbítrio, ou seja, uma vontade capaz de fazer o mal?

Inicialmente, é necessário saber, em que a vontade livre pode ser contada entre o número dos bens. Mesmo sendo possível fazer mau uso dela, a vontade livre seria um bem. A vontade tomada em si mesma é boa, pois uma vez privada dela, ninguém poderia levar uma vida bem aventurada. A vontade é um dos bens que deve ser usada de forma correta, só assim poderia propiciar as pessoas uma vida com retidão, com isso devendo reprovar quem a utiliza mal, e não a Deus por ter nos dado.

(...) Ev. Vejo já, claramente, que é preciso contar a vontade livre entre os bens, e não dos menores. Portanto, precisamos reconhecer a vontade como dom de Deus e como foi conveniente ela nos ter sido dada. (...) (AGOSTINHO, 1995, p. 147).

O mau moral seria o pecado, é através da nossa má vontade que ele depende, sendo assim uma vontade má seria, ou uma “causa deficiente”, uma vontade livre, mesmo que recebida de Deus, sendo para nos um grande bem, o mau uso desse bem seria um mal.

(...) Se não me engano tal como nossa argumentação mostrou, o mau moral tem sua origem no livre-arbítrio de nossa vontade. (...) (AGOSTINHO, 1995, p. 69).

Conclui assim que a origem do mal está no homem, o mal seria o fruto do pecado que ocorre através do livre-arbítrio, em sua má escolha. Agostinho apresenta ontologicamente o mal como um não ser, deficiência ou privação do bem.

O mal físico seria a consequência do pecado original, ou seja, é a consequência do mau moral que reflete no corpo. Podemos dizer então que o mal metafísico-ontológico é o que faz com que a má vontade do homem cometa o mal moral, puxando assim o mal físico que é a consequência do cumprimento dessa insinuação. Porém, o mal metafisico e o físico não seria o mal em si, e sim o mau moral.

**5.** **Soluções para o problema do mal**

Primeiro o mal não é uma coisa, uma entidade, um ser. Todos os seres são criaturas criadas pelo criador, no caso, Deus. Cada coisa que Deus criou é boa, segundo Agostinho ao imaginar o mal, naturalmente lembramo-nos da escuridão, ou até mesmo uma tempestade perigosa. Se Deus é o criador de todos os seres, de todas as coisas, então o mal é uma coisa, sendo assim Deus é o criador do mal? E ele seria o único responsável por sua existência? Não! O mal não é uma coisa, esse mal seria apenas uma escolha errada, ou danos feitos por uma escolha errada.

Muitos buscam provar que a existência do mal está em Deus, ou seja, querem tirar a culpa do homem de seus atos, e tentam culpar a Deus, por tais malesas cometidas. *Leibniz* na sua teodiceia questiona o seguinte:

(...) Ou Deus é onipotente, mas é bom, pois o mal existe ou Deus é bom e quer acabar com o mal, mas não pode por que não é onipotente. (...) (LEIBNIZ, 2000, P.127)

Agostinho também em confissões fazia esse questionamento, ele diz:

(...) E porque isso? Acaso sendo onipotente não podia muda-la, transforma-la toda, para que não restasse nela à semente do mal. Enfim, por que se utilizou dela para criar? Por que sua onipotência não aniquilou totalmente. Porque ele não seria onipotente se não pudesse criar algum bem sem utilizar matéria. (...) (AGOSTINHO, 1997, P.177).

Se pararmos para analisar, no fundo Agostinho comete o mesmo erro de Leibniz na modernidade, de considerar o mal ontológico, sendo que o mal nada mais era do que uma privação e não uma coisa. “Afastando-me da vontade, parecia encaminhar-me para ela, porque não sabia que o mal é uma privação do bem”. (Agostinho, 1997, p.23)

Agostinho teve que aceitar o desafio apresentado pela sua época, para fornecer uma teodiceia satisfatória. Seus argumentos usados poderiam ser resumidos em dois conceitos, um seria ontológico e o outro antropológico. Ele entendeu o mal como uma privação ou corrupção de bondade e do ser, isso antropologicamente, em termos de estudos do mal no universo.

Assim antropologicamente os efeitos do mal sobre um ser humano, são representados o mal como uma perversão da natureza humana boa. Seria como se referir ao primeiro principio como mal natural. Esses seriam nomeados como dois pilares da teodiceia de Agostinho.

**REFERÊNCIAS**

AGOSTINHO, Santo. **O Livre-Arbítrio.** 2° ed. São Paulo: Paulus, 1995. 150 p.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Confissões.** São Paulo: vozes. 1997.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **A Natureza do Bem**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. 81 p.

COSTA, M. R. N. **Introdução ao Pensamento Ético-Político de Santo Agostinho**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 47.

GILSON, E. **A Filosofia na Idade Média**. 2° ed. São Paulo: Martins Fonte, 2001. 949 p.

LEIBNIZ, G. W. **Discurso de metafísica**. 3° ed. Rio de Janeiro: Edições 70 Brasil LTDA, 2000. 104 p.